



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 5, v. 1 maio-out. 2016
p. 23-31.

Não fossem seus pêlos vários [de linhas imaginárias, metáforas e provocações trans]

Amara Rodvalho¹

RESUMO: Este trabalho se propõe a explorar sentidos que, em nossa cultura, rodeiam as palavras "mulher" e "homem" e o quanto é importante termos em vista esses sentidos ao pensarmos a construção das identidades trans e cisgêneras. Para além disso, discutem-se aqui transformações pelas quais essas palavras têm passado desde que as identidades trans começaram a conseguir se afirmar como legítimas e também as resistências que se impõem a todo esforço desnaturalizador das identidades cis.

PALAVRAS-CHAVES: gênero, identidade, feminismo.

Abstract: This essay intends to examine some senses that, in our culture, round the words "woman" and "man" and the importance to bear these senses in mind while considering the construction of trans and cis identities. Furthermore, we will discuss the semantic changes that these words have undergone since trans identities are making themselves visible and, also, the resistances to think in denaturalization terms cis identities.

Keywords: gender, identity, feminism.

Resumén: El presente trabajo se propone a explorar los sentidos que, en nuestra cultura, rodean las palabras "hombre" y "mujer" y lo cuanto es importante tener en cuenta estos sentidos cuando pensamos las identidades trans y cisgêneras. Además de eso, acá se van a discutir las transformaciones por las cuales estas palabras han pasado desde que las identidades trans empezaron a afirmarse legítimas y también las resistencias que se imponen a cada tentativa de desnaturalizar las identidades cis.

Palabras clave: género, identidad, feminismo.

¹ Doutoranda em teoria e crítica literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. E-mail: amoiramara@gmail.com.

Recebido em 16/03/16
Aceito em 20/05/16

Perguntam-nos a todo momento, a nós e somente a nós, pessoas trans, quando se deu o *start*, a percepção de que não éramos aquilo que havíamos sido criadas para ser, qual o estopim que desencadeou em nós essa série de transformações para que pudéssemos existir para o outro tal qual nos compreendíamos. Perguntam-nos e a pergunta é perigosíssima, seja por pressupor a existência duma resposta, seja pelo seu poder de naturalizar o processo que se passa com as pessoas não-trans, as cis, pessoas criadas para ser homem e que, para a sociedade, existem enquanto tal ou, então, pessoas criadas para ser mulher e que assim existem para essa mesma sociedade. Cis e trans, palavras que se opõem, metáforas: de um lado, o que cruza, atravessa uma determinada linha imaginária que separaria o homem da mulher (e, se há cruzamento, é porque houve todo um esforço para que fôssemos pessoas contidas dentro de um algo muito bem delimitado e, em determinado momento, frustramos esse caminho para o qual nos predestinou a leitura que fizeram do nosso sexo, do nosso genital) e, de outro, o que permanece perpetuamente a um só lado da linha, margeando essa linha, que se recusa terminantemente a cruzá-la. Transatlântico, o que trespassa o Atlântico; transamazônica, o que corta a Amazônia. Cisplatina, antigo nome do Uruguai, região que se mantém a um dos lados do Rio da Prata. Cisjordânia, região que permanece a um dos lados do Rio Jordão. Moléculas cis e trans na isomeria geométrica da Química Orgânica. A conclusão é só uma, quem nos nomeou com a palavra "trans", obviamente uma pessoa não-trans, automaticamente nomeou o grupo a que faz parte com a palavra "cis", dado que esses vocábulos, desde o latim até os dias de hoje, funcionam como par de opostos. Essa é a metáfora que propuseram para dar existência verbal à nossa condição, mas com isso acabaram propondo uma imagem também do que seriam os não-nós: o que nos resta é somente pensar maneira de fazer essa metáfora ter sentido ou, então, caso se mostre irremediavelmente equivocada, abandoná-la em ambos os casos.

Ser trans é essencialmente um ato político. Não tem que ver com essência alguma da pessoa, o que ela seria para si, como se identifica, compreende a si própria no mais íntimo seu (isso, no fundo, são as desculpas que ela mobiliza para iniciar o processo de "tornar-se trans", de "existir trans"), mas sim tem que ver com o que ela de fato é, está, se tornou, tanto para si mesma quanto para a sociedade na qual existe de maneira mais ampla. O que a pessoa é é mais do que o que ela tenha a dizer de si, mais do que o que ela se sinta ser inclusive: ela é também, e antes de mais nada, o papel social que desempenha numa dada realidade. Daí um dos sentidos fortes da militância trans ser justamente tentar impor uma nova compreensão de o que é ser mulher, capaz de acolher as mulheres trans sem violentar homens trans, e uma nova compreensão de o que é ser homem, capaz de, sem violentar mulheres trans, incluir os homens trans sob seu guarda-chuva.



Daí também não importar coisa alguma a travesti se autodeclarar homem ou mulher ou nenhum dos dois, pois ela estará sujeita às mesmíssimas exclusões sociais em qualquer dos casos (o corpo, nosso corpo, diz por nós tudo o que a sociedade julga necessário saber sobre nós antes mesmo que possamos abrir a boca; à travesti, aliás, nunca será permitido outra coisa senão ser esse corpo, por mais capacitada e inteligente que seja). Daí também não podermos alegar o "tempo de armário" senão quando já ousamos existir para além dele, pois só é mulher trans / homem trans quem vive essa mulheridade / homenzidade mais do que apenas para si, quem ousa tornar-se mulher trans / homem trans para a sociedade na qual se insere (os sentidos da palavra homem e da palavra mulher começam a mudar radicalmente a partir do momento que reivindicamos existência, tanto na esfera individual, quanto na social).

Quem piamente acredita que a essência da pessoa (o que ela é de fato, no seu mais profundo) se localiza no cérebro, quem acredita que bastaria congelar esse cérebro para manter vivo o que de mais importante essa pessoa tem, não poderia senão ser alguém completamente dentro dos padrões mais opressores dessa sociedade, homem cisgênero branco heterossexual magro sem deficiência criado nas classes abastadas ou coisa bem próxima disso. Pessoas trans não, elas sabem que são antes de tudo e mais nada seus corpos, sabem que a sociedade não lhes deixará esquecer disso em momento algum, em especial as travestis.

O que importa o que nós travestis tenhamos a dizer sobre o que somos? Acaso se dissermos que somos homens deixaremos de ser expulsas de casa, estupradas no banheiro masculino da escola, deixaremos de ver as portas do mercado de trabalho fechadas, de ver na prostituição mais precária o quase que exclusivo caminho para a subsistência, deixaremos de ser tratadas como lixo ou como um genital sobre pernas? Não importa o que digamos, se homem, se mulher, se nenhum dos dois, seremos sempre e antes de mais nada os nossos corpos, e onde quer que estejamos seremos lembradas disso. A luta para nos encaixarmos no padrão feminino cis (coisa que nos faz ser acusadas de “reproduzir estereótipos de gênero” por um feminismo mais ortodoxo) é a forma que encontramos para diminuir a violência a que estamos sujeitas: quanto mais sucesso tivermos nisso, mais deixaremos de ser alvo da transfobia para sê-lo apenas da misoginia, o que diz muito sobre o mundo a que temos direito.

A metralhadora de olhares, entre curiosos e hostis, tentando entender o que somos, tentando nos enquadrar dentro de uma ou outra categoria (“é mulher ou homem?”), ao invés de simplesmente legitimar a maneira como vivemos nossas vidas, a maneira como construímos nossos corpos, nossa identidade, metralhadora de olhares que facilmente se converte em violência



verbal (“traveco”, “ê João”, “seu lixo”, “vaza”) e física, metralhadora de olhares que nos recorda a todo momento que, por conta do corpo que somos, por conta de não sermos senão nossos corpos, não temos direito de ocupar as ruas à luz do dia, de ter família, de frequentar escolas, de conseguir trabalho. O trabalho a que nos relegam, aliás, sequer é considerado trabalho, a prostituição. Dizer que, congelando cérebros, estariam conservando o mais essencial das pessoas é só mais outra dessas violências que se acostumaram a cometer contra nós. Afinal, o que somos nós senão a zona cinzenta no rosto por não termos como arcar com a depilação a laser, nossa mão grande, gogó, ombros largos, testa protuberante, voz característica? O que somos nós senão o genital com que nascemos, espremido numa calcinha apertada, e que tratam como se estivesse estampado em nossa testa? O que somos nós senão esse peito que se recusa a crescer mesmo com doses cavалares de hormônio? O que somos senão a cicatriz dos socos, facadas, tiros que levamos?

Fico imaginando o dia em que os verbetes "homem" e "mulher" consigam contemplar essas novas acepções no dicionário. Não me parece absurdo imaginar isso se concretizando num futuro próximo, uma vez que, no Houaiss p.ex., o verbete "mulher" já traz coisas como "12. homem efeminado, que lembra uma mulher, esp. quanto aos hábitos, gostos, trejeitos considerados tipicamente femininos" (espero, aliás, que essa não tenha sido a tentativa do dicionário de definir mulheres trans) e "13. homem homossexual, ou que é o parceiro passivo numa relação sexual com outro homem". Quem sabe numa edição vindoura não encontramos um hipotético "14. pessoa criada, por conta do seu sexo ter sido lido / diagnosticado como masculino, para ser homem mas que reivindica e constrói para si uma existência de mulher" ou algo do gênero (mais provável imaginar que, antes dessa versão militante, surja uma na linha de "homem travestido de mulher que vive e quer ser tratado no feminino").

Retomando a questão das origens, é como se, para as pessoas cis, nunca houvesse de fato esse *start*, esse estalo, e, se continuam pensando dessa forma, é sinal de que não compreenderam em plenitude o "não se nasce, torna-se" de Beauvoir, o fato de que é necessário todo um processo de transformação para fazer com que uma pessoa ingresse por inteiro os domínios da linguagem e, então, e só então, consiga se reconhecer e ser plenamente reconhecida pela palavra que foi criada para ser, seja essa palavra "homem", seja ela "mulher". Pessoas cis e trans, nesse sentido, ambas vão se tornando aquilo que são na própria medida em que são tornadas esse mesmo aquilo, tudo se dando entre cessões e resistências não poucas. Não é banal ou natural a maneira com que nos tornam (ou tentam nos tornar) a palavra mulher ou a palavra homem e, dada a violenta doutrinação cissexista, não é tampouco simples a pessoa



se dar conta de que esse destino não é possibilidade única de existência. Criam a pessoa para ser um nome próprio, Pedro p.ex., nome que não tem qualquer motivação genética ou biológica, nome que não se explica senão enquanto pura arbitrariedade. A pessoa, no entanto, de fato se acredita esse nome e, quando lhe perguntam "quem você é?", a resposta é uma única. Se te fizeram para ser esse nome, se no limite te tornaram esse nome, se te convenceram disso sem que exista qualquer justificção para tal, qualquer motivação alegável, por que razão o gênero a que te fazem acreditar pertencer deveria ter uma determinação? "Menino porque pipi", "menina porque pepeca"... cada vez mais as pessoas trans explicitam a arbitrariedade dessa construção frasal, o profundo *nonsense* que ela afirma como verdade incontestável.

Pessoas trans tantas passam uma vida até se deparar com esse estalo (o estalo de nos sentirmos no direito de reivindicar outra existência que não aquela a que nos condicionou a leitura que fizeram do nosso genital) e aí, retrospectivamente, começam a perceber traços dessa inopinada verdade pipocando em momentos muitos de sua história prévia, ao passo que outras, desde muito cedo elas já irão se compreender enquanto "o outro gênero", sendo por conta disso alvo de todo tipo de exclusão social (ocorre, inclusive, que por vezes percebam a nossa transgeneridade, ou a nossa possível transgeneridade, antes mesmo que tenhamos consciência dela, nos tirando do armário à força quando ainda estamos completamente vulneráveis frente à violência que enfrentaremos a partir de então). Parte considerável, no entanto, nunca se permitirá aventar a possibilidade dessa existência não-oficial.

Ainda é raro quem tenha tido a experiência de conviver com uma pessoa trans no ambiente escolar ou trabalho, mas é experiência cotidiana de quem quer que seja presenciar, propiciar ou mesmo ser alvo de uma gama riquíssima de ações discriminatórias contra o comportamento tido como feminino em homens e tido como masculino em mulheres: ou seja, é bem provável, sim, que você tenha convivido com pessoas trans, mas muito possivelmente elas foram expulsas desses ambientes antes mesmo de conseguirem se assumir ou, quem sabe, num momento muito inicial da percepção de que tinham o direito de reivindicar uma vida distinta daquela que foram adestradas para viver. Isso não quer dizer necessariamente que homens cis femininos queiram se tornar mulheres trans ou que mulheres cis masculinas vão um dia se assumir homens trans, mas sim que as coerções vividas por pessoas com comportamento ilegítimo segundo o gênero que foram condicionadas a performar servirão de lembrete para todo aquele que estiver se perguntando coisas a respeito da necessidade de existir em acordo com o



gênero a que seu genital lhe predestinou (uma discussão mais detalhada sobre feminilidade e masculinidade e suas relações com a homenzidade e a mulheridade se dará um pouco adiante).

Quem foge, quem escapa à norma cisgênera acaba, no final das contas, sentindo falta de uma palavra que lhe signifique plenamente: no mais das vezes nos colocam como simplesmente trans, "lá vem a trans" / "foi o trans que me disse", como se esse atributo fosse mais relevante, mais revelador do que a nossa própria mulheridade e homenzidade (não deixa de ser uma maneira de deslegitimarem a nossa pertença ao gênero que reivindicamos e construímos, mas há de se convir que nos tornarem "trans" pelo menos projeta uma mudança no discurso que, antes, só era capaz de nos ver enquanto fraude, enquanto engodo²). A própria ideia de orientação sexual parece fazer pleno sentido apenas quando nos referimos a pessoas cis, pessoas que não avançam a linha imaginária que separa homens e mulheres, pois, na sociedade cissexista em que vivemos, uma mulher trans que se relacione com um homem cis jamais será considerada simplesmente hétero, assim como não será considerada simplesmente lésbica caso se relacione com uma mulher cis (nem se concebe, aliás, a possibilidade dela estabelecer uma relação com outra mulher trans ou, então, de dois homens trans estarem se relacionando ou uma mulher trans e um homem trans). Há quem queira, inclusive, rotular pessoas cis que se relacionem com pessoas trans de "bissexuais" ou, então, quem queira propor o termo "pansexual" para contemplar essas pessoas cis que sintam atração por nós, forma de continuarem a nos negar acesso pleno seja à categoria de homem, seja à de mulher.

Outro equívoco é acreditar que o debate sobre questões trans pode, ou até mesmo deve, se fazer sem considerar, de forma mais ampla, os sentidos atrelados à palavra homem e à palavra mulher numa dada cultura. Certa vez, numa das tantas mesas em que participei sobre questões trans e feminismo, me foi perguntado o que era "ser mulher" antes e depois da minha transição. A pergunta não encontrou resposta, tergiversei, mas ainda assim me tirou o sono por noites e noites. Não encontrar resposta não significava que eu não sabia maneira de responder a essa pergunta, mas sim que senti um choque brutal ao me dar conta da resposta que me acudiu à mente. Como resposta, que nunca dei, me ocorreu um poema que escrevi em 2009, cinco anos antes de transicionar:

² Eis um dos motivos, aliás, para cada vez mais eu preferir usar o adjetivo "feminista" a "transfeminista" quando quero caracterizar a minha militância, pois o segundo parece dar a entender que eu olho o mundo pelas lentes ainda muito fechadas da perspectiva trans quando, na verdade, eu não concebo uma perspectiva trans que não esteja, ao mesmo tempo, falando de forma bastante ampla sobre o que é ser mulher e o que é ser homem, ou seja, sobre o que é existir em nossa sociedade.



Não fossem seus pêlos vários,
pêlos pelas pernas, pelos
seios, rosto, seus cabelos
curtos, não teria páreo,
nem pra lhe conter armário...
não fosse e, de saias curtas,
decote e salto *à la* puta,
ia atrás de machos, mãos
brutas, a forçar-lhe o vão
virgem, como quem a estupra.

"Poema que me tirou o sono e que pari nas trevas, pensando as tantas travas que nos rodeiam", eis a maneira como o apresentei no e-mail onde o coloquei para circular. A feminilidade, a minha feminilidade, imaginada ainda da perspectiva do homem cis que eu era (a única existência a que eu tinha tido acesso até então), se dava da maneira mais misógina e objetificante possível. Feminilidade eram cabelos compridos, pêlos completamente depilados, roupas curtas, elementos todos capazes de atizar a libido do homem mais estereotípico... mas o elemento essencial estava em apresentar a feminilidade enquanto "auto entrega ao algoz", quem voluntariamente se presta à violência sexual ou, mesmo, a deseja, quem vive o sexo enquanto pura passividade (e, aí, revela-se que não é à toa o sentido "13" que o dicionário Houaiss traz no verbete "mulher"), ser que se constrói para a vulnerabilidade e que, portanto, se constrói para existir em torno de quem a proteja da violência alheia (esse protetor homem detendo o monopólio da violência sobre aquele ser feminino).

Hoje, dois anos após a minha primeira aparição pública como Amara, dois anos após eu descobrir que, sendo lida seja como mulher, seja como travesti, o assédio e abuso sexual serão experienciados em doses diárias onde quer que eu esteja, dois anos após perceber, inclusive, que seria necessário eu me tornar militante LGBT e feminista caso eu quisesse pensar a existência de um mundo que não se sentisse no direito de me violentar apenas por eu existir como existo, a minha relação com essa concepção de feminilidade é bastante outra. De um lado, o gozo que vivi ao ver no espelho, pela primeira vez, o meu corpo sem pêlos (e isso, por si só, já de alguma maneira denotava feminilidade, como se, na nossa cultura, mulheres não tivessem ou não



devessem ter pêlos, como se o fato duma pessoa não ter pêlos já ameaçasse colocá-la nessa categoria), genital puxado para trás escondendo-se entre as pernas, eu forçando dobrinhas na pele para simular seios, e peruca, e maquiagem, e unhas feitas... esse gozo foi indescritível, libertador, como se eu não precisasse mais me importar com as restrições todas que a criação para homem me havia imposto, como se, podendo ser mulher, eu pudesse ser não apenas mulher mas o que quer que fosse. De outro, a percepção cada vez mais nítida de que o padrão de feminilidade imposto a toda figura que queira ser reconhecida enquanto "feminina", enquanto "mulher", é um padrão que a violenta e a deixa vulnerável perante as tantas agressões que só uma sociedade profundamente misógina é capaz de perpetrar.

Esse paradoxo, aliás, essa vida a que temos direito, é responsável por construirmos o movimento trans em cima de duas pautas que, à primeira vista, parecem completamente contraditórias, a saber: o direito à cirurgia de redesignação sexual (a CRS, famosa "cirurgia de mudança de sexo") e a afirmação de que mulheres podem ter pênis e homens vagina. Enquanto a convicção de que vagina denota mulheridade e que mulheres têm vagina, assim como pênis denota a homenzidade e homens têm pênis, seguir fundamente arraigada em nossa sociedade, não será possível imaginarmos um movimento trans que não caminhe nas duas direções. Até porque a pessoa ter uma genitália em acordo com a leitura social que fazem dela significa, numa sociedade transfóbica, segurança, significa acesso menos dificultoso à cidadania.

Vulnerabilidade, palavrinha-chave para pensarmos a condição feminina, vulnerabilidade que é inclusive amplificada por conta do ódio que o cis-tema tem por nós, mulheres trans e travestis, estarmos nos metendo nesse caminho mesmo tendo sido criadas para ser homem: quem, como eu, encarnou direitinho o papel masculino antes da transição sabe que esta é a condição em que a feminilidade nos coloca, sabe que a partir de agora seremos cobradas de andar mais pausada e reboladamente, com delicadeza e graça, brincos, pulseiras, colares, sempre de salto, atrofiando o tendão da panturrilha, desenvolvendo joanete e unha encravada por conta do bico fino do sapato, risco extremo de torção e até de quebrar o pé num movimento em falso (já viram as calçadas brasileiras?), tendo que se precaver para a saia não subir e mostrar a calcinha, tomando cuidado para não esticar demais aquelas roupas apertadas, frágeis e correr o risco de rasgá-las (será que homens cis imaginam o que é ter que correr do perigo nessas condições, ter que correr nessas condições de um homens cis? Imaginam o que é uma mulher cis ter que correr, ter que se proteger, sendo que nunca lhe permitiram desenvolver força física, habilidades de defesa?), sabe que a partir de agora teremos que usar maquiagem e unhas pintadas



e o quanto isso impõe outra dinâmica às nossas interações e contatos, muito mais cuidadosa para não virar borrão ou estragar o artifício, sabe que por conta de toda essa imposição de feminilidade (a que nós, mulheres trans e travestis, nos sujeitamos para conseguir fugir ao máximo da transfobia) teremos de aguentar caladas todo tipo de provocação, assédio e agressão nas ruas, a menos que a gente queira dar ensejo a ainda mais violência, violência que inclusive vai saber nos culpabilizar por ter que ter ocorrido.

O que significa, em tempos de estupro, violência doméstica e feminicídio endêmicos, acreditarmos que devemos nos sujeitar a isso, termos sido criadas para acreditar que devemos nos sujeitar a isso, reproduzirmos nós mesmas a violência para cima das feminilidades que queiram se pensar enquanto não-frágeis, não-reféns, não-dependentes? Curiosamente, as mulheres que recusem sujeitar-se a esse padrão de feminino, padrão que implica um perpétuo lutar contra o próprio corpo, acabarão sendo chamadas ou mesmo de fato lidas como homens, pois os corpos de homens e de mulheres talvez não sejam assim tão distintos na multidão se não impusermos à mulher a necessidade de se violentar para distinguir-se. O movimento trans começar a perceber que pode reivindicar existência para além do LGBT, nos espaços de militância feminista e negra p.ex., faz com que descubramos que temos um papel importantíssimo na redefinição de o que é ser homem e o que é ser mulher nessa sociedade em que estamos inseridas.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 2009, volume único.
- Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, versão 1.0, dezembro de 2001.

